

28 maio • Quarta-Feira

Subjacente a algumas destas objeções encontra-se a ideia de que as crianças são biologicamente humanas, mas não completamente humanas do ponto de vista psicológico. Argumentaremos que, tal como os fenómenos de desumanização frequentemente refletem pontos de vista etnocêntricos ou egocêntricos, o nosso ponto de vista adultocêntrico enviesado a nossa conceptualização do que é ser-se humano, levando a uma confusão entre o facto de que as crianças (ainda) não são adultos e a suposição de que (ainda) não são completamente humanas.

- Refletir sobre as causas e as soluções para a pobreza: Resultados de uma intervenção colaborativa no 4º ano de escolaridade.

Sofia Guichard, Centro de Psicologia da Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Gil Nata, Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto; Universidade do Alto Douro e Trás-os-Montes, Joana Cadima, Centro de Psicologia da Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

RESUMO: O ensino básico pode representar um período crítico para envolver as crianças em conversas sobre questões sociais como a pobreza (Bennett & Sani, 2004). No entanto, há pouca evidência sobre a eficácia das intervenções que incentivam as crianças a refletir sobre a pobreza (Mistry et al., 2016; Nenadal & Mistry, 2018). O presente estudo quasi-experimental pretende examinar os resultados de uma intervenção em sala de aula nas perspetivas das crianças de 4º ano de escolaridade em relação às causas e às soluções para a pobreza. Participaram 248 crianças (Midade = 9.54; DP = 0.41) – 14 turmas – das quais 62 – 4 turmas – foram envolvidas numa intervenção sobre a pobreza. A intervenção foi realizada ao longo de um período escolar, com aulas quinzenais de 90 minutos, seguindo uma abordagem baseada na metodologia inquiry-based (Mistry et al., 2016), integrada no currículo e desenvolvida de forma colaborativa em cada turma, em três fases: (a) situação-estímulo; (b) investigação pelas crianças com orientação; e (c) partilha ou ação local. As perspetivas das crianças sobre as causas e as soluções para a pobreza foram avaliadas antes e depois da intervenção em entrevistas individuais com recurso a uma situação estímulo sobre uma criança em situação de pobreza. As respostas foram analisadas com recurso a análise temática (Braun & Clarke, 2006), através de uma avaliação cega à pertença aos grupos. Foi realizada uma ANOVA mista para testar os efeitos do tempo, grupo e tempo x grupo. Observou-se um efeito interativo entre tempo e grupo nas causas contextuais de pobreza mencionadas pelas crianças, $F(1, 222) = 4.18, p = .04, \eta^2 = .02$. O grupo de intervenção mencionou mais causas contextuais do que o grupo de controlo no final da intervenção. Não foram observadas diferenças significativas nas restantes causas e nas soluções oferecidas pelas crianças. Os resultados serão discutidos considerando as implicações para as práticas educativas.

15H15 | SIMPÓSIO | Sala 252 • S1.3

Trabalho no contexto das transições tecnológica e ecológica: riscos emergentes e impactos na saúde

- Trabalho no contexto das transições tecnológica e ecológica: riscos emergentes e impactos na saúde

Liliana Cunha e Daniel Silva, Centro de Psicologia da Universidade do Porto; Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

RESUMO: A análise dos efeitos das transformações tecnológicas na reconfiguração da experiência dos/as trabalhadores/as e na sua saúde tem pautado, desde 2017, a construção de um percurso de investigação científica em psicologia do trabalho, cujos resultados sustentam uma discussão multinível sobre (i) o lugar da atividade de trabalho no quadro das transições em curso – tecnológica, demográfica e ecológica; (ii) a expressão dos seus efeitos do ponto de vista dos riscos profissionais e impactos na saúde [1–4]; (iii) a forma como estas transições interagem com a segmentação do trabalho em função do género e da idade [5]; (iv) os limites e recursos que estas transições são suscetíveis de promover em prol de modelos de trabalho mais sustentáveis.

28 maio • Quarta-Feira

O presente simpósio visa ampliar esta discussão, tendo como mote algumas questões de partida: - de que forma estas transições colocam à prova o trabalho e o emprego? Que desigualdades são (re)produzidas, decorrentes de novas formas de segmentação do trabalho segundo o género e a idade? - em que medida estas transições desafiam a investigação em psicologia do trabalho, por exemplo, na análise da expressão diferenciada dos fatores psicossociais de risco (e.g., “subordinação tecnológica”; desvalorização da experiência)? - como pode a investigação contribuir para intervenções que se situem a uma outra escala de análise para além da empresa? O simpósio integrará comunicações que restituem investigações conduzidas em diferentes setores de atividade, que partilham o objetivo de análise dos impactos destas transições na reconfiguração dos modos de construção da experiência, e no desenvolvimento de percursos profissionais em saúde e segurança. Neste sentido, o simpósio procura contribuir para dois eixos de investigação-ação: (i) o debate sobre as metodologias de investigação em psicologia do trabalho e das organizações, considerando que as transições acentuam certas opções e categorias de análise, diluindo outras; e (ii) a análise conjunta destas transições, contrariando a tendência de estas serem estudadas de forma isolada [6], correndo o risco também de as recomendações políticas daí decorrentes variarem consoante a transição em causa. [1] Cunha, L., Barros, C., Baylina, P., & Silva, D. (2021). Work intensification in road transport industry: an approach to new working scenarios with automated vehicles. *Work*, 69(3), 847-857. <https://doi.org/10.3233/WOR-213517> [2] Cunha, L., Silva, D., & Macedo, M. (2024). Different sh

- Como a atividade de trabalho faz debate sobre as categorias da aceitabilidade tecnológica? O ponto de vista de motoristas sobre o futuro do trabalho com a automatização da condução

Daniel Silva e Liliana Cunha, Centro de Psicologia da Universidade do Porto; Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

RESUMO: O transporte rodoviário vive hoje uma transição com a automatização da condução, na prossecução de um paradigma de “mobilidade do futuro”. A perspetiva de entrada em circulação dos veículos automatizados (VA) tem sido explorada, maioritariamente, tendo por referência a aceitabilidade pública, em estimativas sobre a facilidade de uso e utilidade percebidas. Em Portugal, uma análise conduzida no âmbito do projeto “Autodriving” permitiu traçar um primeiro “prognóstico de uso” dos VA, identificando fatores que podem influenciar a sua aceitação/rejeição. Mas importa ter presente que estas análises são exercícios probabilísticos, em que cada pessoa pesa os benefícios e os riscos que a tecnologia poderá introduzir, mas sem que exista uma ancoragem num contexto sócio-organizacional específico de uso dos VA. Ora, a nossa investigação prosseguiu com uma abordagem qualitativa na exploração do ponto de vista de um grupo de motoristas (n = 10) do transporte público urbano de passageiros relativamente à atividade futura com VA [1]. Através de três sessões dialógicas e reflexivas (duração média ≈ 90min), os motoristas evidenciam como a sua experiência de trabalho convoca para este debate dimensões que estão para lá da projeção sobre a utilidade, facilidade de uso, ou da configuração tecnológica dos VA. Convergindo nas expetativas de melhoria da segurança rodoviária, os motoristas dão a ver a natureza situada da sua aceitação relativamente aos VA, destacando que a concretização dos designios de uma “mobilidade do futuro” (eficiente, sustentável) apela a um olhar atento sobre as condições de trabalho e de emprego dos motoristas. Os resultados revelam igualmente o carácter integrador da experiência profissional, uma vez que, perante uma transição que promete reconfigurar as condições técnico-organizacionais, liga os modos atuais de fazer o trabalho a uma possível situação futura com VA. [1] Silva, D. (2024). “Entre mim e a máquina”: o papel da experiência profissional em contextos em mudança pela automação e os seus contributos para pensar o futuro do trabalho [Tese Doutoramento, FPCEUP]. Repositório da UP. <https://hdl.handle.net/10216/158697>

- O ponto de vista da psicologia do trabalho na vanguarda da transformação digital e ecológica: implicações para a investigação, intervenção, e políticas públicas

Liliana Cunha, Centro de Psicologia da Universidade do Porto; Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

RESUMO: A proposta desta comunicação sustenta-se na construção de um percurso de investigação em psicologia do trabalho, sobre novas formas de organização do trabalho instigadas pela transformação tecnológica e ecológica, a sua interação com as dimensões género e idade, e a exploração social de como os seus impactos diferenciados na saúde são (re) conhecidos.